

**Dr. Steven D. Mathewson,
Pregando Narrativas do Antigo Testamento,
Sessão 4: Visão Geral do Processo Exegético [ACTS]:
Analisando os Personagens e Conversando**

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em uma série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a quarta sessão: Visão geral do processo exegético [Atos], análise dos personagens e da linguagem.

Sejam bem-vindos de volta ao nosso curso sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento.

Estivemos falando sobre fazer exegese, ou seja, extrair o significado de um texto, entender o que uma narrativa significa, e eu sugeri que uma boa maneira de organizar os elementos que precisamos analisar é usar a palavra atos, ATOS, pense em ato um, ato dois de uma peça ou história. Bem, o A, lembrem-se, significa enredo. Já vimos isso.

Nesta sessão, vamos analisar o C e o T, e o C representa os personagens. Portanto, além de pensarmos no enredo, na forma como a ação acontece, precisamos pensar nos personagens. Os personagens nas narrativas do Antigo Testamento são realmente cativantes. Eu adoro o antigo ditado rabínico que diz: Deus criou as pessoas porque ama histórias.

Talvez o oposto seja verdadeiro. Deus criou histórias porque ama as pessoas, mas as pessoas são interessantes, não são? E sim, uma coisa é ter um enredo, outra é ter ação, mas são os personagens que impulsionam essa ação. Então eu diria, novamente, que o enredo é primordial, mas quando analisamos os personagens, o que queremos fazer é tentar especificar a maneira como eles funcionam na narrativa de acordo com o enredo.

Então, vamos começar falando sobre a classificação dos personagens. Isso pode ficar bem técnico, e eu já li bastante sobre o assunto. Diferentes estudiosos, sejam eles da literatura ou do Antigo Testamento, usam métodos distintos para classificar os personagens, mas lembrem-se, estamos falando de teoria. Queremos entender a narrativa.

Por isso, acredito que manter a simplicidade é um bom caminho. Sugiro que o ponto de partida seja simplesmente distinguir entre personagens principais e secundários, e essa distinção surge da importância do papel de cada personagem na história. Os estudiosos da literatura, ao analisarem os personagens principais, os dividem em outras categorias, o que pode ser útil.

Repito, nunca use esses rótulos em seu sermão, ok? Mas você vai ler estudiosos da literatura e até mesmo estudiosos bíblicos que usarão esses termos. Então, uma categoria seria o que chamamos de protagonistas. Um protagonista é um personagem central.

Quero dizer, eles são indispensáveis para o enredo. Esses personagens são, você sabe, muitas vezes os heróis da história, mas nem sempre. Outro grupo de personagens principais seria o que chamamos de antagonistas.

Estamos familiarizados com essa palavra. Então, temos os protagonistas, mas os antagonistas seriam os principais adversários ou as forças que se opõem aos personagens principais. E uma terceira categoria seria o que chamamos de personagens opostos.

E esses são personagens que, de certa forma, contrastam com o personagem principal, e que aprofundam nossa compreensão desse personagem, pois oferecem um contraste ou, ocasionalmente, um paralelo. Portanto, essas categorias são frequentemente usadas na análise da literatura ocidental e em sua compreensão, mas, novamente, uma história é uma história. Então, mesmo as categorias que usamos hoje para a literatura ocidental, digamos, a literatura britânica, Charles Dickens e outros, ainda funcionam muito bem.

Agora, gostaria de fazer uma ressalva. A ideia não é reduzir um personagem a um rótulo. Não se trata de rotular a história bíblica, mas sim de esclarecer qual o papel que um determinado personagem desempenha na narrativa.

Aqui está um ótimo exemplo. Primeiro Samuel 17, que chamamos de a história de Davi e Golias, certo? Bem, não estou aqui para mudar isso, mas, na verdade, em termos literários, não é assim que deveríamos descrevê-la. Veja bem, Golias apresenta o desafio que revelará o contraste entre os dois personagens principais, o protagonista e o antagonista, que seriam Davi e Saul.

Esta seção de Primeiro Samuel, que começa por volta de Primeiro Samuel 15, vai até Segundo Samuel 9, e argumenta que Davi é a escolha certa para rei de Israel, mesmo vindo de uma nova linhagem familiar. E isso era muito importante no mundo antigo. Era preciso pertencer a uma família governante.

Bem, Davi não é. Ele não faz parte da família de Saul. Portanto, o narrador nesta parte do livro está tentando nos convencer de que Davi é a melhor escolha para rei.

Então, nesta história, é realmente Davi contra Saul. E Golias acaba sendo o contraste. Tecnicamente, ele pode não ser exatamente um antagonista, mas pelo menos é um personagem que representa um contraste.

Novamente, é por isso que os rótulos não importam tanto quanto a sua função. Como eles funcionam juntos? E Davi é claramente o herói. Agora, avançando alguns capítulos em 1 Samuel 25, Davi é o protagonista, eu diria.

Depois, há um cara chamado Nabal, cujo nome significa tolo. Falaremos sobre nomes daqui a pouco. Ele é o opositor de Davi.

E então Abigail aparece, e ela é... Poderíamos dizer que ela é o contraponto, mas na verdade ela é a heroína da história. David não está nesta história.

Abigail é a heroína. Davi muda de tal forma que, ao final do episódio, ele compartilha da mesma convicção que Abigail. Abigail convence Davi a não fazer algo estúpido que poderia ter comprometido sua nomeação ou sua posse como rei de Israel.

Ele já havia sido ungido. Mas será que algum dia seria reconhecido como rei? Bem, Davi estava pronto para tirar a vida do marido dela porque, basicamente, o homem havia feito jus ao seu nome. Ele havia sido um tolo.

Ele era um idiota. E Davi queria se vingar. E Abigail disse: "Meu senhor, o senhor não pode fazer isso."

E ela o convenceu a desistir. Então, a questão é que, mesmo com o mesmo personagem, à medida que se avança em uma narrativa maior, o papel de uma narrativa para outra pode mudar um pouco. Em 2 Samuel 11 e 12, avançando rapidamente novamente, Davi continua como protagonista, enquanto Urias, o hitita, serve como contraponto.

Ele é um contraste. E Davi não é o herói da história, certo? Quero dizer, ele comete uma série de pecados em seu desejo por Bate-Seba, esposa de Urias, não apenas cometendo adultério, mas também mandando matar Urias em batalha. Então, o interessante nessa história é que, embora Bate-Seba seja importante, ela é crítica da narrativa, mas seu papel é secundário.

Na verdade, ela foi realmente manipulada. Acho correto vê-la como uma vítima nesta história, porque David realmente abusa do seu poder. Então, nesta história, eu poderia chamá-la de agente.

Novamente, não são os rótulos que importam. Trata-se apenas de entender como esses personagens se relacionam entre si. Então você vai para Gênesis 38.

Conversamos um pouco sobre isso. Judá é o personagem central, o protagonista. E Tamar é o contraste.

E eles são claramente personagens principais. Há outros personagens, mas desempenham papéis secundários. Novamente, não que sejam irrelevantes, mas para o propósito desta história, não precisamos gastar muito tempo analisando os filhos que foram mortos, os dois primeiros, e alguns dos outros na narrativa, os amigos de Judá.

Sim, a importância deles no contexto da história da redenção simplesmente não existe. Então, novamente, uma pessoa pode desempenhar um papel diferente em uma história diferente. Portanto, essa é uma das questões que precisamos analisar quando estudamos personagens: como eles funcionam? Agora, quero falar um pouco sobre os meios de caracterização.

Como os autores da narrativa do Antigo Testamento desenvolvem esses personagens? E o interessante é que eles não nos oferecem muitas descrições como estamos acostumados nos romances modernos. Há alguns anos, li um romance de John Grisham chamado O Testamento. É sobre um advogado, Nate Riley, que está em busca de um herdeiro inesperado de uma fortuna de 11 bilhões de dólares.

E adivinhem? Essa herdeira é uma missionária chamada Rachel Lane. Então ele a encontra nas selvas do Brasil. E eu quero ler para vocês, é assim que John Grisham a descreve ao relatar o encontro.

Então, esse advogado chega e a encontra na selva brasileira com um grupo de indígenas. E é assim que ele a descreve. Ele diz que Rachel estava com eles.

Ela estava chegando. Usava uma camisa amarelo-clara em meio à pele morena do peito e tinha um rosto mais claro sob um chapéu de palha. Era um pouco mais alta que os indígenas e tinha uma elegância natural.

Nate observava cada passo. Ela era muito magra, com ombros largos e ossudos. À medida que se aproximavam, começou a olhar na direção deles.

Ela tirou o chapéu. Seu cabelo era castanho com alguns fios grisalhos e bem curto. Ora, o que há de tão especial nisso? Bem, nada realmente.

É isso que fazemos na literatura ocidental. Aqui está outro exemplo, de um romancista ocidental chamado Louis L'Amour. Esta é a imagem que ele pinta de um de seus personagens, James T. Kettleman.

Isso é de seu romance chamado Flint. Ele disse sobre Kettleman: seu rosto era magro e duro, triangular, com maçãs do rosto altas, olhos verdes e um queixo forte. Suas costeletas eram longas, como na moda da época.

Seus cabelos eram castanho-escuros e cacheados. Sob a luz, apresentavam um tom avermelhado. Sua pele era escura e suas feições, com exceção dos olhos, eram normalmente inexpressivas.

James T. Kettleman, financista e especulador, era frequentemente chamado de homem bonito. Nunca foi chamado de amigável. Então, essa é a nossa tradição literária ocidental, não é? Particularmente nos romances.

Eles se esforçam ao máximo para pintar retratos de personagens. Agora, em contraste com isso, e em contraste com uma Charlotte Brontë ou um Charles Dickens, os autores das narrativas do Antigo Testamento contam suas histórias em um estilo bastante conciso e direto. Então, eu diria que a caracterização em uma narrativa do Antigo Testamento provavelmente se assemelha a um esboço rápido a lápis.

Não há muita coisa ali. Robert Alter não é apenas um renomado estudioso da literatura, mas também um estudioso judeu que escreveu um livro inovador chamado *A Arte da Narrativa Bíblica*. Esse era o título do livro dele.

Já está na segunda edição. Aliás, meu livro é uma espécie de homenagem à obra de Alter. Quero dizer, ele foi um dos primeiros autores que comecei a ler, um dos primeiros que os evangélicos começaram a ler quando estavam redescobrendo como funciona a narrativa.

Mas ele afirma o seguinte: recebemos apenas indícios muito superficiais sobre a aparência física, os tiques e gestos, as vestimentas e os apetrechos dos personagens, o ambiente material em que eles vivenciam seus destinos. Outro renomado estudioso da literatura, Meir Sternberg, afirma que essas descrições elaboradas, às quais estamos acostumados em nossa cultura, não desempenham outra função além de conferir realismo à personagem.

E ele diz que os narradores bíblicos simplesmente não se preocupam com descrições vívidas. Agora, eis por que isso é importante. O fato de esses detalhes serem escassos significa que, quando aparecem, são importantes.

Não existem frases descartáveis na narrativa bíblica. Se há um detalhe sobre o personagem, esse detalhe é realmente significativo. E vou dar alguns exemplos disso.

Na história de Eúde, em Juízes capítulo 3, começando no versículo 12 e se estendendo até o final, encontramos uma narrativa peculiar, mas que, na verdade, carrega uma mensagem profunda, uma mensagem teológica, como veremos adiante. As descrições em Juízes retratam Eúde como canhoto e Eglom como muito gordo.

Bem, isso não é muito correto socialmente. Não hoje, e acho que também não era naquela época. Mas eles nos preparam para o que acontece nessa narrativa.

Então, nessa narrativa, Eglon, ou Eúde, é o juiz. Na verdade, eles são verdadeiros salvadores no livro de Juízes. Mas ele será aquele que libertará o povo de Israel, creio que dos moabitas.

E por que precisamos saber que ele era canhoto? Bem, acontece que, quando ele foi ver o Rei Eúde, ao passar pela alfândega, sabe, eles não tinham detectores de metal como nos aeroportos, então o revistavam e apalpavam. Apalpavam o lado esquerdo dele, porque a maioria dos guerreiros era destra, e você saca a espada do lado esquerdo. Você faria assim.

Você não tentaria arrancá-la do seu lado direito. E , aliás, o texto hebraico nos diz que era mais parecido com uma adaga. Era um côvado, mas essa nem é a palavra comum para côvado.

Um dos meus amigos, Lawson Younger, em seu comentário sobre o livro de Juízes, argumenta que a palavra provavelmente se refere a algo com cerca de trinta centímetros de comprimento. Então, seria uma adaga. Pense nisso.

Ele é canhoto. Ele vai sacar a espada da bainha do lado direito. Mas quando ele passa pela alfândega, todo mundo é. A maioria dos guerreiros é destra.

Então, se eles estão com pressa, vão verificar apenas o lado esquerdo dele. "Sim, você está bem, pode ir." Assim, ele entra sorrateiramente com a espada sem ser detectado e, eventualmente, atenção para o spoiler (caso você não tenha lido a história), ele assassina o rei moabita que vinha oprimindo Israel.

Então, por que chamar esse rei moabita Eglon de muito gordo? Bem, eu disse que há humor na Bíblia, e aqui há um humor um tanto grosseiro. Talvez seja humor de menino de 10 anos , porque, adivinhem? O nome Eglon significa bezerro. Então, é quase como se ele estivesse sendo retratado como o bezerro gordo pronto para o abate.

Mas como ele era muito gordo, quando Eglon cravou a espada, nos disseram que a gordura cobriu a lâmina. E quando seus acompanhantes o encontraram morto no chão, esse Moabe sem vida, eles não perceberam imediatamente que ele havia sido assassinado porque a gordura cobriu a espada. E eu acho que essa é uma das razões pelas quais nos é dado esse detalhe de que ele era muito gordo.

Não é apenas para zombar dele, embora eu ache que isso também aconteça, mas sim por um propósito. Da mesma forma, por que nos é dito em Gênesis 39, versículo

6, que José era um homem bonito? Essa é a minha paráfrase. Ele era um homem bonito.

Bem, isso nos ajuda a entender a investida sexual feita pela esposa de Potifar. E por que o escritor de Gênesis descreve Esaú como um homem peludo em Gênesis 27:11? Bem, é para nos ajudar a compreender a tentativa de seu irmão Jacó de se passar por Esaú. Quando foi até seu pai, Isaque, ele queria receber a bênção da primogenitura e se cobriu com peles que tinham pelos para que, quando seu pai, quase cego, o tocasse, dissesse: "Ah, sim, sua voz soa como a de Jacó, mas sim, você tem os braços peludos."

Muito bem, você é Esaú. Então, esses tipos de detalhes são realmente importantes. Outra maneira de entendermos os personagens, e isso pode parecer óbvio, é através do comportamento deles.

Quero dizer, geralmente, os escritores e narradores bíblicos nos mostram em vez de nos contarem. Eles nos dão uma visão da natureza de um personagem prestando atenção às suas ações. Uma das histórias mais fascinantes, e que considero muito impactante e necessária para a igreja hoje, é a história de Miquéias e os danitas em Juízes 17 e 18.

E se você ler isso, o narrador não chega dizendo: "Ei, a propósito, esse cara, Micah, é corrupto". Ele não precisa nos dizer isso. Ele simplesmente nos mostra.

E se formos leitores atentos, lemos isso e pensamos: "O quê? Não acredito que esse cara esteja fazendo isso. Como ele pode fazer isso? É tão imoral. É tão corrupto."

É assim que funciona na narrativa do Antigo Testamento. Você verá que os escritores nos mostram em vez de nos contarem. Portanto, estamos sempre observando o comportamento deles e também notando que lemos essas narrativas tendo como pano de fundo a Torá.

Novamente, algumas das narrativas estão na Torá, mas as narrativas posteriores, como Josué, Juízes, Samuel, Reis, Crônicas, essas narrativas, nós sempre as lemos tendo em mente Deuteronômio, especialmente, mas também outros livros da Torá, e vemos como esses personagens se encaixam no que Deus disse na lei que deu por meio de Moisés. Outro aspecto ao qual devemos prestar atenção são os nomes dos personagens. Como você sabe, certas culturas atribuem um significado especial aos nomes.

Quando eu morava em Montana, eu costumava fazer transmissões ao vivo dos jogos de basquete do ensino médio da região, e alguns desses jogos eram de times de comunidades indígenas, e eu ouvia nomes como Tawny Whistling Elk e Jonathan Takes Enemy. Aliás, Jonathan Takes Enemy é um dos melhores jogadores de

basquete do ensino médio que eu já vi, e eu vi alguns caras que acabaram na NBA, mas esse era o nome dele. Jonathan Takes Enemy, Stacey Big Hair, eu me lembro desse, e também Elvis Old Bull.

Quer dizer, esses eram os nomes que faziam parte de sua herança cultural, e esses nomes refletiam as circunstâncias de seu nascimento, ou talvez uma virtude que, idealmente, caracterizaria a vida da criança. Bem, adivinhe? No Antigo Testamento, os personagens recebiam nomes mais ou menos na mesma linha. Um estudioso do Antigo Testamento, Jean-Louis Scott, destaca que uma maneira muito comum de caracterizar uma pessoa era dar-lhe um nome.

E, claro, alguns exemplos óbvios, como já mencionei Nabal. Seu nome significa tolo em hebraico. E não sei se esse era um apelido que lhe davam pelas costas.

É difícil acreditar que esse foi o nome que sua mãe lhe deu. Ei, bobinho, está na hora de entrar para o jantar. Mas então, lembra do nome, Abraão? Lembra do primeiro nome dele? O primeiro nome dele era Abrão, ou Avram, que soa como o pai de, você sabe, sim, pai exaltado.

Avram significa pai exaltado. Mas Abraão significa pai de muitas nações. Aliás, há certa ironia nisso, não é? Porque Avram recebeu o nome de Abraão antes mesmo de se tornar pai de um único filho.

E, no entanto, isso fazia parte da promessa. Há um estudioso bíblico chamado John Steck que defende a importância dos nomes em Juízes 4. O relato da derrota de Cesareia, onde ele era o cruel comandante cananeu. Um dos nomes é o de um guerreiro israelita chamado Baraque, cujo nome significa relâmpago.

E nesta história, o papel dele é um tanto passivo, um tanto hesitante. E a glória vai para um par de mulheres fiéis. Uma delas, Débora, cujo nome significa abelha, e a outra, JL, cujo nome significa cabra montesa.

Aliás, talvez você não queira dar o nome de JL para sua filha. Ela provavelmente não se sentiria lisonjeada se você a chamasse de cabra montesa. Mas, nessa narrativa, o interessante é que, no final, JL oferece ao comandante inimigo esse leite nutritivo. Ele só queria água.

E ela lhe deu leite, e provavelmente isso o acalmou, e ele adormeceu. E então ela fez o que Barak não conseguiu fazer, que foi tirar-lhe a vida. Novamente, isto é uma batalha militar.

E, como resultado, a paz foi restaurada na terra prometida, onde mana leite e mel. É interessante como isso se desenrola. Acho que o livro de Rute é fascinante quando se entende o significado dos nomes.

Um dos personagens principais, bem, ele está no início da história e desaparece rapidamente. Seu nome é Elimeleque. É assim que dizemos em inglês.

Mas Elimeleque, El significa Deus, I significa meu, e Meleque é rei. Então, seu nome significa "meu Deus é rei". Mas a ironia, e já falamos um pouco sobre ironia...

Lembra dessa discrepância? A ironia é que o meu Deus rei vira as costas para Deus rei e abandona a terra prometida durante uma fome para ir para a terra de Moabe. E isso pode nos parecer inocente. Se você mora em Chicago e não consegue o emprego que precisa, mas sabe que há boas oportunidades em Indianápolis.

Você pode se mudar para Indianápolis, ou de Los Angeles para Boston, ou para qualquer outro lugar. E isso não está errado, a menos que haja outros fatores que o justifiquem. Mas temos a liberdade de fazer isso.

Não o povo de Israel. Eles estavam ligados à terra. Então, Elimeleque foge do território do rei por causa da fome.

Ele tem dois filhos, Malon e Kilion. Não temos certeza. Alguns sugerem que seus nomes significam doentio e frágil.

E se assim for, isso prenunciou sua morte prematura, pois eles morreram e provavelmente poderiam ter morrido de fome. De qualquer forma, a esposa de Elimeleque se chamava Noemi, cujo nome significa "a agradável". E, novamente, vemos a ironia de seu nome, porque, como sabemos, ela acompanha o marido à terra de Moabe, e as coisas não vão bem por lá.

Ela ouve dizer que Deus providenciou alimento para o povo. Então, ela volta para a terra. E quando chega a Belém, as mulheres gritam: "É Noemi! É Noemi!"

E ela diz: não, não me chamem de agradável. Chamem-me de Mara, que é a palavra hebraica para amarga. Porque, disse ela, Shaddai, o Todo-Poderoso, lidou comigo com amargura.

E então temos Ruth, cujo nome significa amizade. Que amiga ela era! Boaz, cujo nome significa força veloz, demonstra essa força justamente na maneira como cuida de Ruth e de Noemi.

E então, o que realmente me diverte em Rute 4:1 é a referência ao potencial parente redentor, que tinha o direito, antes de Boaz, de redimir Rute. Mas o sujeito se recusou. Então, Boaz se dirige a ele com a expressão hebraica "Poloni Almoni", que basicamente significa "Sr. Fulano de Tal" ou "Sr. Como-é-mesmo-nome".

E isso é só um jeito de dizer: esse cara não merece ter o nome lembrado. Então, venha cá e sente-se, Sr. Fulano. Aliás, às vezes o nome de um personagem é omitido.

Em 1 Samuel 17, Davi não se refere a Golias pelo nome. Ele se refere a ele como um filisteu incircunciso. Uma espécie de insulto.

Ele não vai dignificá-lo dando-lhe o seu nome. Então, os nomes são fascinantes. Agora, temos sempre de ter cuidado para não construir um castelo onde a Bíblia construiu apenas uma pequena cabana.

E às vezes, nem todo nome é significativo, e não queremos interpretar a Bíblia de forma exagerada. É aí que os comentários podem nos ajudar. Eles podem nos lembrar que talvez estejamos dando muita importância a determinado nome.

Mas muitas vezes, esses nomes têm significado. Penso no nome Isaac Yitzhak em Gênesis. Seu nome significa riso.

E esse é um tema, um subtema, que permeia toda a história. Quero dizer, quando ele nasce, o riso de alegria de Sara substitui o riso de incredulidade. E Deus, eu acho, dá a última risada porque Ele diz: "Você vai chamar o menino de Isaac".

Assim, cada vez que pediam risadas para o jantar, lembravam-se de que haviam zombado das promessas de Deus. Mas então, riram de alegria. Sara riu de alegria quando finalmente teve um filho.

Outro aspecto a que devemos prestar atenção são as designações que chamarei de "designações". Às vezes, o narrador nos dá essa informação, ou melhor, isso pode ocorrer na fala do personagem, que descreve um personagem de determinada maneira. Aliás, já mencionei Davi se referindo a Golias como um filisteu incircunciso.

É assim que ele o designa. Aqui está outro exemplo. Em Gênesis 21:9, você percebe o quanto Sara guarda ressentimento da escrava egípcia Agar.

E quando o texto diz: "Mas Sara viu que o filho que Agar, a egípcia, dera a Abraão estava zombando", na verdade, o que eu quis dizer é que ela não se refere a ele pelo nome de Ismael. Ela omite o nome.

E é sutil, mas demonstra claramente o desprezo dela. Ela não quer reconhecer essa criança. Mais tarde, acho que o texto revela a atitude de Davi em relação a Bate-Seba ao mencioná-la como uma mulher ou a mulher, embora seu nome já tivesse sido revelado.

Às vezes, pode acontecer o contrário. Uma personalidade pode surgir do anonimato. É o caso de David.

Você lê o relato de sua unção em 1 Samuel 16, versículos 1-13. E você tem esse desfile de filhos . E finalmente, o último chega, e o narrador omite seu nome, Davi, até o exato momento em que ele é ungido e exaltado.

Muito bem. Isso lhe dará uma boa noção de como estudar as pessoas que tornam essas histórias interessantes. Novamente, reserve um tempo para classificar os personagens, não apenas rotulando-os, mas observando como eles funcionam na história.

O nome deles é significativo? Como o autor os descreve? Há alguma informação sobre suas características físicas? Então, falamos sobre A, de ação. Falamos sobre C, de personagens. Agora, o próximo aspecto da narrativa é considerar o que os personagens e o narrador dizem .

Então, T significa "talking" (conversar). Um termo bem técnico , eu sei, mas funciona muito bem , não é? Perto do final de "A River Runs Through It" (Um Rio Corre Através Dele), uma novela semi-autobiográfica de Norman MacLean, Norman e seu pai, o Reverendo John MacLean, estão lembrando a trágica morte do irmão de Norman, Paul.

Ele era o irmão mais novo. Então, quando o pai de Norman perguntou ao filho se ele havia compartilhado todos os detalhes que sabia sobre a morte do filho mais novo, Paul, Norman contou tudo. O pai respondeu: " Não é muita coisa, não é ?". Norman respondeu: "Não , mas você pode amar completamente sem compreender completamente" .

E, concordando, seu pai encerrou a conversa dizendo: "Sim, eu sei disso e já preguei sobre isso." E acho que a resposta de Norman realmente captura a mensagem daquela novela. Você pode amar completamente sem compreender completamente .

Bem, quando você lê uma narrativa do Antigo Testamento, precisa se concentrar nas declarações feitas pelos personagens. Assim como naquela novela, "Um Rio Corre Através Dele", onde você realmente capta a ideia principal. A mensagem é compreendida no diálogo entre o pai e o filho perto do final da obra.

É isso que vemos na narrativa do Antigo Testamento. As declarações feitas pelos personagens, assim como as observações feitas pelo narrador, falaremos sobre elas daqui a pouco. Mas essa conversa desempenha um papel importante na construção do significado da história.

Portanto, o ponto de partida é o que os personagens dizem. Robert Alter foi quem realmente me ajudou a entender isso. Cynthia Miller, agora Cynthia Miller Naldea,

observa que a fala permeia a Bíblia, desde a palavra criativa da palavra divina em Gênesis até os decretos de um rei persa no final de Crônicas.

Sabe, o interessante é que Josué é um livro narrativo, e o primeiro capítulo, embora tenha uma estrutura narrativa, é quase inteiramente composto por diálogos. O mesmo acontece em 1 Samuel 15. 1 Samuel 15 é uma história fascinante, e ainda assim, a maior parte dessa história consiste em um diálogo entre o rei Saul e o profeta Samuel, bem como algumas instruções que o Senhor dá ao profeta Samuel.

A história de Davi contra Golias, ou a narrativa de Davi contra Saul e Golias em 1 Samuel 17, é outro exemplo. A ação em si não dura muito, mas são algumas das coisas que os personagens dizem, especialmente Davi. E então, estamos sempre atentos ao que esses personagens dizem.

E Robert Alter foi um dos que disseram que o diálogo carrega um enorme peso de significado. Então, se você quer transmitir significado aos seus ouvintes, uma maneira de fazer isso é colocar esse significado na boca dos personagens. Agora, quero esclarecer o que acabei de dizer.

Ao colocar isso na boca dos personagens, não quero dizer, de forma alguma, que os narradores bíblicos inventaram essas falas e pensaram: "Sim, quero transmitir esta mensagem, então vou fazer Davi dizer isso", independentemente de ele realmente ter dito ou não. Não, acreditamos que, se a Bíblia diz que Davi disse isso, é porque Davi realmente disse. Apenas o narrador, dentre todos os detalhes que poderia incluir na narrativa, escolhe aqueles que melhor reforçam a mensagem que deseja transmitir.

Então, muito rapidamente, qual é a função dessa fala por parte dos personagens? Quando os personagens estão, você sabe, eu digo que eles estão fazendo discursos, mas às vezes eles estão apenas conversando como nós. Qual é a função disso? Bem, existem pelo menos quatro funções. Uma delas é nos dar uma visão sobre suas características.

Novamente, em vez de o narrador nos dizer coisas como, bem, Esaú é um homem que cedeu aos seus desejos, vemos isso quando o ouvimos dizer ao seu irmão Jacó: "Dê-me um pouco daquela coisa vermelha, coisa vermelha". Foi literalmente isso que ele lhe disse.

Ou Abigail, a escritora, narradora bíblica, não diz que era uma mulher incrível, extremamente sábia e uma comunicadora muito poderosa, nem precisa. Tudo o que fazemos é ler seu longo discurso para Davi, não para se vingar de seu marido insensato. E simplesmente pensamos: "Nossa, isso me impressiona demais."

Ela é tão sábia. E nossa, como ela sabe usar metáforas! Como ela sabe construir frases com maestria! Assim, conseguimos entender melhor a personalidade da personagem. Conseguimos entender como ela é.

Em segundo lugar, esses discursos dos personagens muitas vezes nos dão uma indicação do significado de toda a narrativa. E como já mencionei, disse Robert Alter, o diálogo é feito para carregar grande parte da carga de significado. Talvez um dos exemplos mais conhecidos disso esteja no final da história de José em Gênesis 49.

Acho que ele resume todo o significado dessas narrativas sobre si mesmo, bem como a história imediata, quando diz: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o transformou em bem para realizar o que agora se vê, a salvação de muitas vidas." Pronto, aí está. Gênesis 50:20, essa é a grande ideia das histórias de José que aparecem em Gênesis 37 a 50.

Novamente, quando você for a 1 Samuel 13 ou 1 Samuel 17, mencionei os versículos 34 a 37 e depois os versículos 45 a 47. Acho que esses versículos realmente fornecem a chave para a história de Davi e Golias. Aliás, quero ler para vocês o que Davi diz em 1 Samuel 17.

Seu primeiro discurso, quando ele estava diante de Saul, se oferecendo para lutar contra o gigante, e Saul disse: "Você não pode ir lutar contra esse filisteu, você é apenas um jovem. Ele é um guerreiro desde a sua juventude." Mas Davi disse a Saul: "Seu servo tem cuidado das ovelhas de seu pai.

Quando um leão ou um urso vinha e levava uma ovelha do rebanho, eu ia atrás dele, o atacava e livrava a ovelha de sua boca. Quando ele se voltava contra mim, eu o agarrava pelos cabelos, o atacava e o matava. Meu servo matou tanto o leão quanto o urso.

Este filisteu incircunciso, e ouçam bem essa pequena expressão, este filisteu incircunciso será como um deles, porque desafiou os exércitos do Deus vivo. O Senhor que me livrou das garras do leão e das garras do urso me livrará das mãos deste filisteu. E então, quando ele enfrenta Golias mais adiante no capítulo 17, versículos 45 a 47, Golias amaldiçoa Davi.

Ele disse: "Venha cá, darei a sua carne às aves e aos animais selvagens". E aqui está a resposta de Davi. Davi disse ao filisteu, versículo 45: "Você vem contra mim com espada, lança e dardo, mas eu vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou".

Hoje mesmo, o Senhor vos entregará nas minhas mãos, e eu vos matarei e vos cortarei a cabeça. Hoje mesmo, darei os cadáveres do exército filisteu às aves do céu e aos animais selvagens, e toda a terra saberá que há um Deus em Israel. Todos os

que aqui estão reunidos saberão que não é pela espada nem pela lança que o Senhor salva, pois a batalha é do Senhor, e ele vos entregará a todos nas nossas mãos.

E isso resume bem o significado dessa narrativa, não é? Que a batalha é do Senhor, que são aqueles que têm fé no Deus vivo que alcançarão a vitória. Portanto, devemos prestar atenção aos discursos, sejam eles breves declarações ou discursos mais longos como este que li para vocês. Há uma terceira função do discurso, que é, às vezes, a de resumir.

Isso acontece frequentemente com a poesia. Às vezes, ao ler uma narrativa, você se depara com um trecho poético. Um dos primeiros exemplos está em Gênesis 2:23, onde Adão irrompe em poesia quando Deus cria a mulher, celebrando a criação de uma auxiliadora idônea para ele.

E então, em 1 Samuel 2:1-10, o discurso de Ana, na verdade, esse acesso de louvor, essa oração, esse cântico, tem uma função mais de resumo e, de fato, destaca todos os temas que serão desenvolvidos no livro de Samuel. Isso também é importante. Por fim, a fala pode destacar um contraste.

Novamente, observe o que Esaú diz em contraste com o que Jacó faz, e você perceberá a diferença entre esses personagens. Ou a recusa de José quando a esposa de Potifar tenta seduzi-lo, e ele diz: "Como posso cometer tamanha maldade e pecar contra o Senhor?". E você vê um contraste com a franqueza dela, que diz basicamente: "Venha deitar-se comigo". Apenas algumas palavras necessárias em hebraico.

Muito bem, então essa é a fala do personagem. Agora, vamos pensar um pouco sobre o que o narrador diz. E é aqui que precisamos prestar atenção ao que eu chamaria de informação privilegiada ou comentário editorial.

Quer dizer, o narrador está contando a história, mas de vez em quando é quase como se ele apertasse o botão de pausa e dissesse: "A propósito, você precisa saber disso sobre o personagem". Ou então ele faz algum comentário sobre o personagem que normalmente não saberíamos. E nesse momento, ele está fazendo mais do que simplesmente contar a história.

É por isso que alguns estudiosos da literatura ou da Bíblia se referem ao narrador onisciente, porque parece que ele sabe de tudo. Sim, ele não sabe de tudo como Deus sabe de tudo. Mas, à medida que conta a história, ele nos dá, e é por isso que gosto da expressão "informação privilegiada", que às vezes nem os personagens sabem.

Quero dizer, no início de Gênesis 22, no relato em que Deus diz a Abraão para sacrificar seu filho, o narrador nos diz, a nós leitores, logo de início, que os eventos

que estamos prestes a ouvir eram, na verdade, um teste divino. Que Deus estava testando Abraão. Mas Abraão não sabia disso, sabia? Gênesis 38 nos fornece outro exemplo da onisciência do narrador.

Lembra quando aqueles filhos começaram a morrer? Em Gênesis 38:7, o narrador revela que Ur morreu porque era ímpio aos olhos de Yahweh, e Yahweh o matou. E então ele faz a mesma coisa no versículo 9, quando revela os motivos de Onã para se recusar a engravidar Tamar e cumprir o dever do casamento levirato. Portanto, recebemos informações que Judá desconhecia.

Ele acha que Tamar é o problema. E nós também poderíamos pensar assim, se o narrador não tivesse dito, aliás, que ambos foram mortos porque fizeram o mal aos olhos de Javé. Então, quando lemos a história, ou se alguém a lê para nós, a ouvimos por uma perspectiva diferente, não é? Já sabemos algo que está acontecendo.

Então, esses são os tipos de coisas às quais precisamos prestar atenção e observar enquanto lemos uma narrativa. Muito bem, até agora consideramos a ação ou o enredo. Consideramos os personagens e consideramos os diálogos, tanto o que os personagens dizem quanto as informações internas que o narrador compartilha conosco.

Agora precisamos voltar nossa atenção para o último elemento principal em nosso processo exegético, que é o contexto. E esse será o nosso tema para a próxima sessão.

Aqui é o Dr. Stephen D. Matthewson, em uma série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a quarta sessão, uma visão geral do processo exegético [Atos], analisando os personagens e a discussão.